

# Gabriel Resende Santos – Cinegrafias

Na poltrona, desperto. Os ruídos  
soprando grandes triângulos.  
Pirâmides. Cilindros. Em  
filas de cinema vislumbrei os pesados volumes  
da terra sem lei. No Odeon as mímicas automáticas  
de luminosas tesouras de titânio, cortando os tickets  
amarelos. As musas sob a pesada lona  
exaltavam Wagner e as danças de mãos juntas.  
As musas não se entendiam. Forçavam a trilha sonora  
nos narizes. Nas testas. Onde assinavam as cifras  
e o roteiro da obra-prima. Na poltrona, sabia ser Gigante  
e subtrair espíritos em pequenos grunhidos. Era permitido  
obter a glória na cabeça do vilão. As palavras flexíveis  
viriam das bocas das ninfetas e bem antes das letrinhas.  
Porque as musas são de bronze. Porque o céu é de couro.  
E depois, porque o depois é fim, na última nota do violino e  
no último crédito de figurante, todas as películas do sonho  
se tornam uma una e imensa gota corporal  
fugindo de olhos entreabertos.

**Gabriel Resende Santos, Desvio para o Vermelho**